



## CORPUS THOMISTICUM

<http://www.corpusthomisticum.org/otr.html>

### Sancti Thomae de Aquino Liber de sortibus ad dominum Iacobum de Tonengo

[Textum Leoninum Romae 1976 editum  
translatum a Pascale Nau OP automato  
denuo recognovit Enrique Alarcón atque instruxit]

#### **Prologus: in quo manifestatur sequentis operis intentio.**

Postulavit a me vestra dilectio ut quid de sortibus sentiendum sit, vobis conscriberem. Non est autem fas ut preces quas fiducialiter caritas porrigit, apud amici animum repulsam patiantur. Unde petitioni vestrae satisfacere cupiens, intermissis paulisper occupationum mearum studiis, solemnium vacationum tempore, quid mihi de sortibus videatur, scribendum curavi. De sortibus considerare oportet in quibus locum sors habeat, quid sit sortium finis, quis modus, quae earum virtus; et utrum eis liceat uti secundum Christianae religionis doctrinam.

#### **Caput 1: In quibus rebus fiat inquisitio per sortes.**

Primo igitur considerandum est, quod rerum quaedam sunt ex necessitate et semper, sicut Deum esse, duo et tria esse quinque, solem oriri, et alia huiusmodi, quae vel semper sunt, vel semper eodem modo eveniunt. In his autem sors locum non habet. Derisibilis enim videtur, si quis sortibus explorandum aestimaret aliquid circa esse divinum, vel circa numeros, vel circa motus solis et stellarum.

Alia vero sunt quae naturaliter quidem contingunt et ut frequentius eodem modo proveniunt, quandoque tamen, sed rarius, aliter contingunt, sicut aestatem esse siccam, hiemem vero pluviosam. Contingit tamen interdum, sed rarius, evenire contrarium, ex eo quod solitus naturae cursus ex aliquibus causis impeditur. In neutris autem praedictarum rerum secundum se consideratis locum sors habet. Potest quidem sors locum habere, non tamen secundum quod ipsae res naturales in se considerantur, sed secundum quod earum cursus attingit aliquamvis usum vitae humanae, sicut ab aliquibus sorte

inquiri potest, an fluvius inundet et domum vel agrum occupet, an pluvia aestate abundet et fruges in agro corrumpat; sed an abundet pluvia vel fluvius inundet in locis desertis, in quibus hoc ad usum humanae vitae non pertinet, nullus sorte inquirere studet. Ex quo patet quod sors proprie in rebus humanis locum habet.

Sed quia ad unumquemque hominem pertinet sollicitari de his quae pertinent ad usum propriae vitae et eorum cum quibus quocumque modo communionem habet, consequens est quod nec ad omnes res humanas inquisitio sortis extendatur. Nullus enim in Gallia existens sorte aliquid inquirendum curat de his quae ad Indos pertinent, cum quibus nullatenus in vita communicat. Sed de his consueverunt homines sorte aliquid inquirere quae qualitercumque ad eos pertinent, vel ad sibi coniunctos. Rursus autem nec in his omnibus sortes inquiri videntur. Nullus enim sorte inquirat ea quae per suam industriam vel cognoscere, vel ad effectum perducere potest. Derisibile namque videtur, si quis sorte inquirat an comedat, vel fruges ex agro colligat, vel si id quod videt, est homo vel equus. Relinquitur igitur quod homines sorte aliquid inquirunt in rebus humanis aliquo modo ad se pertinentibus, quae per propriam prudentiam non possunt cognoscere, nec ad effectum perducere.



## AQUINATE

<http://www.aquinate.net/traduções.html>

### Livro Sobre a sorte Ao Senhor Tiago de Tonengo

[Tradução Paulo Faitanin e Rafael Godinho]

#### **Prólogo: no qual se manifesta a intenção da seguinte obra.**

Vossa dileção pediu a mim que vos escreveis acerca do que se deve pensar sobre a sorte. No entanto, não me é permitido não responder por caridade ao pedido que um amigo fez com confiança. Por isso, desejando satisfazer o vosso pedido, interrompo um pouco as minhas ocupações de estudos, com a destinação de um importante tempo para vos escrever o que me parece acerca do que se deve pensar sobre a sorte. É preciso considerar em que lugar se encontra a sorte, qual seja o fim da sorte, o seu modo, qual é sua virtude; e se é lícito servir-se dela segundo a doutrina da religião cristã.

#### **Capítulo 1: Em quais coisas pergunta-se pela sorte**

Em primeiro lugar, deve-se considerar, pois, que há coisas que existem sempre e por necessidade, como o ser de Deus, que dois e três são cinco, que o sol nasce e outras desta natureza que sempre são ou que sempre são do mesmo modo. No entanto, a sorte não tem lugar nestas coisas. Parece, pois, risível se alguém cresse poder consultar algo sobre o ser divino, ou sobre os números, sobre o movimento do Sol e das estrelas.

Há outras coisas que ocorrem naturalmente e que, embora frequentemente sigam o mesmo processo, às vezes são interrompidas, ainda que raramente, como, por exemplo, a seca durante o verão e a chuva durante o inverno. Ocorre, assim, mas bem raramente, que o contrário do que ocorreria normalmente, às vezes, acontece, porque o curso da natureza foi suspenso por causas que não prevíamos. Não se pode aplicar a sorte a nenhuma dessas coisas consideradas nelas mesmas. Mas, se se consideram as coisas das quais falamos em segundo lugar, na influência que elas podem às vezes exercer sobre o curso da vida humana, pode-se crer que qualquer pessoa poderá consultar a sorte, nesse caso, por exemplo, sobre se o rio inundará uma casa ou ocupará um campo, se a chuva abundará no verão e os frutos estragar-se-ão no campo; mas se a chuva abundará ou um rio inundará um local deserto,



isso não é pertinente à vida humana, e não se cogitará consultar a sorte. Disso conclui-se que a sorte tem lugar propriamente nas coisas dos homens.

Mas como cabe a cada homem saber o que importa à sua própria vida e a tudo o que lhe pode interessar, de maneira ou de outra, segue-se que não se consulta a sorte em todos os acontecimentos humanos nem acerca de todas as coisas humanas se estende a consulta da sorte. Pois alguém na França não consultará a sorte acerca do que se passa nas Índias, com que não tem qualquer relação. Não se consulta comumente a sorte senão acerca daquilo que interessa aos homens, perto ou longe, para si ou para os seus. No mais, não se consultará a sorte acerca de toda espécie de coisas. Não o fazemos quando podemos conhecer algo por nosso próprio conhecimento, ou por uma consequência que previmos. Risível seria se consultássemos a sorte para saber se comeremos, se recolheremos os frutos da terra ou se o que vimos é um homem ou um cavalo. Resta, portanto, que os homens perguntem algo sobre a sorte que de alguma maneira são pertinentes à vida humana, que pela própria prudência não se pode conhecer, nem se pode discernir os efeitos.